

DIFICULDADE NO DOMÍNIO DE FONEMAS DO PORTUGUÊS POR CRIANÇAS BILÍNGUES DE PORTUGUÊS E POMERANO

Ludimilla Rupf Benincá

RESUMO

O Brasil, mesmo tendo como língua oficial apenas o português, é um país multilíngue. Há, em seu território, falantes que adquirem no contexto familiar outras línguas que não sejam o português, e aprendem a língua oficial como segunda língua, muitas vezes apenas quando entram na escola. É o que ocorre com os descendentes de pomeranos, que falam o pomerano - língua de imigração da extinta Pomerânia - ainda amplamente utilizado pelos grupos remanescentes de descendentes dos imigrantes que a trouxeram. Essa língua normalmente é aprendida no contexto familiar, e é utilizada na integração da comunidade, nos rituais religiosos, no ambiente doméstico e na lavoura. O português falado pelas crianças é, então, carregado de marcas de sua língua materna, o que provoca, muitas vezes, discriminação e dificuldades para aprender o português. Por isso, este trabalho busca descrever o português falado pelos descendentes e identificar as marcas próprias de dificuldade de aprendizagem do português, bem como os erros de escrita característicos. Para isso, utiliza dois corpora de análise: oral, obtido através de entrevistas gravadas e escritas.

Palavras-chave: Língua oral, Variação linguística, Pomerano.

INTRODUÇÃO

O pomerano é uma língua praticamente extinta na Europa, onde surgiu; porém, ainda é utilizada por alguns grupos de descendentes dos imigrantes. No Brasil, esses grupos se encontram isolados em comunidades, grande parte das quais se concentra no Espírito Santo, em geral nas áreas rurais. Nessas comunidades, o pomerano é, normalmente, a língua materna dos

descendentes, utilizada no seu dia-a-dia: em casa, na igreja, na lavoura, nas festas típicas e até mesmo em algumas escolas. Muitas crianças aprendem a língua oficial apenas quando entram na escola, e, com um português carregado de marcas da língua materna, costumam sofrer preconceitos e ter dificuldades específicas na aprendizagem do português.

Quando essas crianças ingressam na escola, elas precisam cumprir, ao mesmo tempo, duas tarefas: alfabetizar-se – o que implica dominar um sistema simbólico diferente, aprender a lidar com letras e entender o que cada uma delas representa – e aprender português, que, na maioria das vezes, é uma língua estrangeira, desconhecida e ainda distante da realidade dos alunos, já que não está presente em seu convívio.

Dado esse quadro, não é difícil imaginar as dificuldades relacionadas à escolarização que os descendentes de pomeranos encontram. Existem também outros fatores, que, somados a esse principal, contribuem para essas dificuldades. Um deles é o preconceito, mas podemos citar também o fato de os professores, muitas vezes, não estarem preparados para lidar com esses problemas, que estão não só relacionados à aquisição da escrita e ao domínio dos conteúdos escolares, como também à socialização e integração desses alunos entre os não-pomeranos. Isso se traduz em um alto índice de analfabetismo, ocasionado pela evasão escolar. Dados do IBGE de 2000 mostram que 16,4% da população maior de 15 anos de Santa Maria de Jetibá não sabem ler e escrever, e esse número sobe para 48% (dados do IBGE de 1991) quando consideramos o analfabetismo funcional.

Partindo desses problemas e da escassez de estudos que foquem o bilinguismo entre pomerano e português, nosso objetivo neste trabalho, que é embasado nas teorias geossociolinguística e fonológica, é analisar cientificamente, a partir de dados coletados entre os alunos descendentes de pomeranos, as interferências de sua língua materna no português falado e escrito por eles. Buscamos tratar especificamente das influências que causam dificuldades entre os alunos, tanto a influência da língua materna, quanto a influência da língua falada na escrita.

Para atingir esse objetivo, analisamos os dados da fala contrastando fonemas do português com alguns do pomerano, e utilizamos alguns

Os dados que são os mesmos para a análise de ambas as modalidades, como troca de fonemas e estrutura silábica, que estão presentes tanto na análise do corpus oral, quanto na do corpus escrito.

Para a identificação dessas marcas, analisamos a oralidade, por meio de questionários gravados, e a escrita, através de redações produzidas pelos alunos sobre um tema previamente delimitado. Com esses corpora, buscamos fazer uma análise comparativa, e observar se as variações da fala são também encontradas na escrita, ou se cada uma dessas modalidades apresenta uma variação característica.

Assim, pretendemos contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, através da identificação das dificuldades que esses alunos enfrentam e do que causa essas dificuldades. Isso porque, sabendo das dificuldades específicas dos descendentes em relação à aprendizagem do português, é possível planejar trabalhos direcionados. Buscamos, então, enfatizar a necessidade de uma educação intercultural, que considere as diferenças, mas que seja direcionada e leve em conta as dificuldades, promovendo, assim, uma ruptura com o preconceito linguístico advindo dessas diferenças, mantido pelos colegas não-pomeranos e, muitas vezes, pelos professores, os quais, por desconhecerem as causas das dificuldades dos alunos, podem atribuí-la à falta de capacidade intelectual.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. Estudos geossociolinguísticos

A Sociolinguística é a ciência responsável pelo estudo sistemático da variação linguística. A ela interessam principalmente as variações ocasionadas por diferenças de ordem sócio-econômica, também chamadas de variações diastráticas, e as variações estilísticas, ou diafásicas, relacionadas aos diferentes níveis de formalidade de um falante, decorrentes do contexto de enunciação, do grau de intimidade entre os envolvidos na situação de fala, do assunto etc.

O objetivo das pesquisas sociolinguísticas é registrar a fala de uma comunidade em situações naturais, por isso emprega métodos de coleta que

minimizam a monitoração estilística de seus falantes, como entrevistas com perguntas relacionadas a experiências de perigo pelo qual o informante passou, ou indicações de procedimentos, como receitas culinárias etc.

A Sociolinguística entende a variação linguística como inerente ao sistema, dissocia a idéia de sistema e homogeneidade. Para a Sociolinguística, toda variação, seja ela na comunidade ou na fala de uma mesma pessoa em diferentes situações, é governada por leis, que podem ser linguísticas ou não-linguísticas; ou seja, a variação não é aleatória. Não há, assim, variação livre. Toda variação é condicionada, já que pode ser sistematicamente explicada, quer por fatores linguísticos, quer por fatores não-linguísticos (SCHERRE, 1996, p. 39).

Para Mollica (2004, p. 09), a Sociolinguística é uma “ciência [que] se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos, em especial os de caráter heterogêneo”. Então, o que a Sociolinguística busca é a descrição da diversidade linguística, a heterogeneidade, a partir de determinadas variáveis. Nas palavras de Elia (1987, p. 40): “A Sociolinguística se ocupa assim com o estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológico, morfológico, sintático e semântico”.

A Geolinguística ou Dialectologia tem o objetivo de registrar as variações diatópicas, ou seja, aquelas decorrentes de diferenças regionais. Seu objeto de estudo é o dialeto, que “pressupõe um sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum” (BRANDÃO, 1991, p.13). Assim, uma mesma língua possui falares distintos de acordo com a região geográfica, que são estudados pela Dialectologia. Nas palavras de Coseriu (1956, p. 05):

La expresión “geografía lingüística” designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestro siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado.

Os estudos geolinguísticos podem culminar na publicação de atlas linguísticos, que são um registro em mapas especiais das variações detectadas nos inquéritos, e mostram variações nos níveis fonético, morfosintático e semântico de determinada área geográfica. “Em outras palavras, é um repositório de diferentes normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares” (BRANDÃO, 1991, p. 25). Os atlas também definem isoglossas, que são linhas limítrofes com determinados traços comuns nas fronteiras linguísticas (id, p. 11).

Para Coseriu (1956, p. 13), esse tipo de pesquisa tem índole geográfica, “pues se trata de comprobar hechos en el espacio” (id, *ibid*). A importância do trabalho geolinguístico, em especial dos atlas linguísticos, é que a distribuição dos aspectos encontrados em mapas linguísticos permite “comprobar que las innovaciones en las ‘lenguas’ proceden de ciertos centros y su difusión se detiene em ciertos límites constituídos por ríos, montañas, fronteras políticas, administrativas o eclesiásticas” (id, *ibid*). Por essa tendência, as áreas mais distantes das zonas urbanas, principalmente as isoladas por barreiras geográficas ou sociais, costumam conservar formas mais antigas, ou seja, são mais resistentes às inovações.

É importante ressaltar que pesquisa geolinguística – assim como a sociolinguística – busca registrar a língua em uso, e não a norma padrão, prescrita. Essa exigência determina o tipo de informante, o tipo de entrevista etc. Para que se possam estudar as variações regionais em uma situação real de uso, é preciso partir de uma metodologia dialetal eficaz. Segundo Ferreira e Cardoso (1994), as etapas a serem observadas em uma pesquisa dialetal são: preparação da pesquisa; execução dos inquéritos; análise dos materiais recolhidos; e divulgação dos resultados obtidos por meio de atlas linguísticos.

1.2. Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia são duas áreas da linguística. Ambas as denominações são formadas a partir da raiz grega *phon*, que significa som, voz. No seu surgimento, no final do século XVIII, o termo fonologia era usado para indicar os estudos dos sons da fala, que hoje estão sob o campo de atuação da fonética, e “só a partir de 1928 passou a ter o sentido que tem hoje” (CALLOU; LEITE, 2005, p. 12). Atualmente, a

fonética é a disciplina responsável pelos sons da língua efetivamente falados, independentemente de serem ou não distintivos, enquanto à fonologia cabe estudar os sons que são distintivos.

Lyons (1987, p.71) apresenta o estudo do som como possuindo uma grande importância, inclusive superior ao estudo de outros meios de produção, como a escrita, pois o som é “o meio natural primeiro da linguagem humana” (id, ibid). A fonética se ocupa desse estudo, mas a ela interessa não qualquer som, e sim os sons de “meio fônico”, que são aqueles produzidos pelo aparelho fonador. Já a fonologia, para ele, “é uma das partes do estudo e da descrição dos sistemas linguísticos, sendo outra a sintaxe, e outra a semântica” (id, ibid).

Mesmo com domínios definidos e objetos diferentes, a fonética e a fonologia são disciplinas interdependentes. Isso porque para se determinar se uma unidade é ou não distintiva é preciso partir da realidade fonética. Callou e Leite (2005, p. 11) apresentam a identificação da fonética como a ciência da substância, e da fonologia como a ciência da forma. A menor unidade da primeira é o som da fala, ou fone, e da segunda, os fonemas, que são unidades distintivas.

1.3. Multilinguismo

O multilinguismo é uma situação de utilização de mais de uma língua. Pode se dar no nível individual ou social. No primeiro, uma pessoa domina mais de um sistema linguístico. Nesse caso, o multilinguismo, segundo Clyne (1997, p. 301), é representado principalmente pelo bilinguismo, por ser mais comum pessoas utilizarem regularmente dois sistemas, embora haja aquelas, em menor quantidade, que utilizam mais de dois.

Muitas vezes, em situações de multilinguismo as línguas envolvidas são usadas com diferentes funções sociais, ou seja, há uma especialização funcional das línguas. Além disso, os valores atribuídos socialmente às línguas não são iguais, e obedecem a uma hierarquia. Uma delas é considerada superior, tem maior prestígio social e é mais usada em situações formais e institucionais, enquanto a outra, considerada variedade baixa, é usada em situações informais. Essa situação de desequilíbrio caracteriza a diglossia.

Uma comunidade se encontra em situação diglósica quando, pela visão de Ferguson (apud TARALLO e ALKMIN, 1987, p. 68), há uma hierarquia entre duas variedades, uma alta e outra baixa. A variedade alta, no nível funcional, é usada formalmente nos registros escrito e oral, e ainda, "coloca-se como principal veículo literário" (TARALLO e ALKMIN, 1987, p. 68), enquanto a variedade baixa é mais usada em situações informais. Como exemplo de comunidades diglósicas, Ferguson cita, entre outras, o Haiti, que tem como língua alta o francês-padrão e como língua baixa, o crioulo (id, p.69).

O Brasil é um país multilíngue, e é um erro pensar que, por ter uma língua oficial que é majoritária, não há manifestações linguísticas em comunidades que não utilizam o português como língua materna. São faladas, atualmente, em território brasileiro, cerca de 180 línguas indígenas (ILARI; BASSO, 2006, p. 90) e outras tantas línguas de imigração. Esse fato não pode ser desconsiderado, e é importante que essa diversidade seja preservada.

2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1. Corpus oral

A distorção de sonoridade consiste na perda da sonoridade de algumas consoantes, que são substituídas na fala pela correspondente surda, a qual apresenta o mesmo ponto e modo de articulação. É um processo muito frequente entre os descendentes de pomeranos.

As questões em que registramos a distorção de sonoridade foram: 1 (abelha); 4 (dragão); 7 (blusa); 8 (janela); 9 (enxada); 10 (anzol); 11 (garfo); 15 (bola), 16 (dado); 23 (bom dia); 24 (boa tarde); 25 (rasgar); 26 (Brasil); 27 (goiaba); 29 (feijão); 30 (boldo); 37 (barba); 39 (grande); 41 (azul).

No caso de dragão (questão 4), há duas consoantes sonoras compondo a palavra, uma em posição inicial, [d], e outra intervocálica, [g]. No corpus analisado, as duas apresentaram distorções, realizando-se como: [tra'gãw]; [tra'kaw] e [dra'kãw]. Foi mais frequente entre os

informantes, nessa palavra, o ensurdecimento da consoante inicial [d], o que ocorreu em 22% dos casos, contra 16% do mesmo processo em posição intervocálica [g]. Isso porque o [g] possui vizinhos sonoros, as vogais, o que torna propícia a manutenção da sonoridade da consoante, conforme constatamos em outra pesquisa (BENINCÁ, 2006).

Em janela (questão 8), encontramos uma distorção de sonoridade muito comum, por estar a consoante sonora em posição inicial. Nessa questão, ocorreram a forma padrão [ʒa'nele], em 64% dos casos, e a realização [ʃa'nele], iniciada pela consoante surda [ʃ], em 36% das respostas dos informantes.

A questão 9 (enxada) apresentou uma variação inesperada para nós, já que a distorção de sonoridade se deu da surda para a sonora, gerando a seguinte forma: [ĩn'zade]. Esse não foi um processo recorrente, já que apareceu na fala de apenas um informante, então podemos classificar essa forma como um erro não-sistemático. A consoante surda em enxada se encontra precedida e sucedida por fonemas sonoros, o que propicia a assimilação desse traço. Porém, como esse processo não é comum entre descendentes de pomeranos, não devemos apontá-lo com um problema específico, mas uma ocorrência provocada pela dificuldade com os fonemas surdos e sonoros.

Outro fator que contribui para essa distorção é a trava nasal da sílaba anterior; normalmente nessa posição as consoantes sonoras não sofrem alteração na fala dos descendentes, ou aparecem em poucos casos, como em anzol (questão 10), em que apenas um informante substituiu a consoante sonora [z] pela correspondente surda [s], conforme podemos observar no gráfico do final deste tópico.

Quando o que ocupa a posição de declive da sílaba, ou seja, a trava, é o tape /r/, não é comum ocorrer a distorção da sílaba seguinte, como ocorreu com árvore (questão 19), em que [v] não passou a [f] na resposta de nenhum informante, e barba (questão 37), em que a mesma consoante oclusiva bilabial sonora [b] teve diferentes comportamentos quando se encontrava no início da palavra e depois da trava silábica /r/. No primeiro ambiente, houve ensurdecimento em 9%, enquanto no segundo, esse processo não foi registrado em nenhuma resposta dos informantes.

há o arquifonema /S/ na posição de trava, como aparece nas respostas da questão 25 (rasgar), não é um elemento inibidor do processo de distorção, já que 10% dos informantes substituíram [g] por [k]. Essa substituição afetou a trava da sílaba anterior, que, por assimilação do traço surdo da consoante distorcida, realizou-se também como surda. Assim, ocorreram as variantes [haz'gax] e [haz'ga], com a consoante sonora [g], e [has'ka] e [has'kah], com a consoante surda [k].

Como mostram as variações encontradas, a ocorrência da distorção é maior em palavras em que a consoante em questão se encontra em posição inicial. Em pomerano, é comum as consoantes finais se ensurdecem, como em 'wand', realizado como [vãnt], e 'mang', realizado como [mãŋk] (HESSMANN, 2006). Mas a posição em que essas consoantes se encontram na palavra é bastante diferente da posição das consoantes ensurdecidas no corpus, já que em pomerano esse ensurdecimento sistemático acontece com consoantes oclusivas na posição de trava, posição não ocupada por oclusivas em português. Em português, nos casos em que houve distorção, a oclusiva encontrava-se em posição de ataque, principalmente no início das palavras. Embora o ambiente de ocorrência da distorção não seja o mesmo, é possível que estejamos diante de uma influência da LM, pois os falantes podem estender a regra de distorção às outras posições da sílaba e da palavra. No gráfico 1, podemos ver o ambiente fonético correspondente à quantidade de consoantes distorcidas, e no gráfico 2, a porcentagem de distorção de cada consoante.

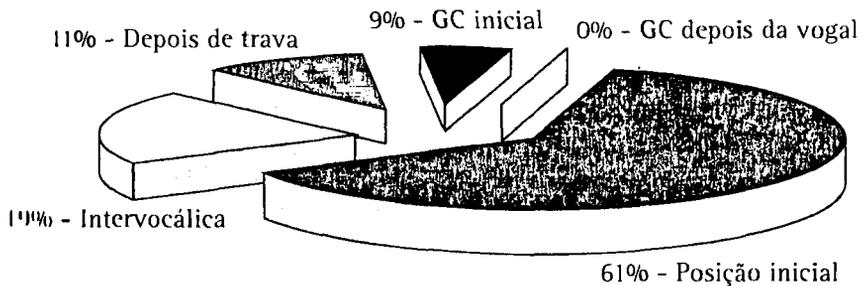


Gráfico 1 - Frequência da distorção em cada posição

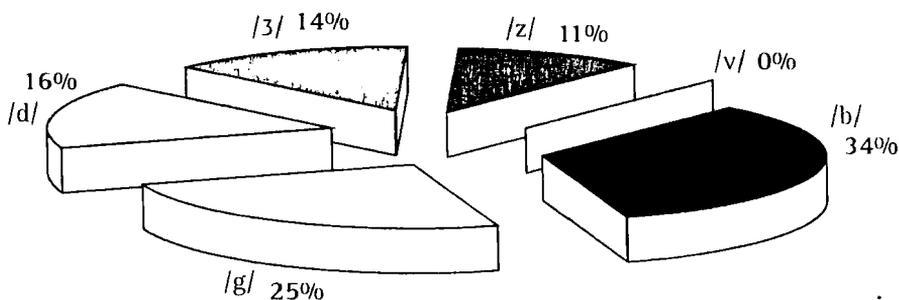


Gráfico 2 - Consoantes passíveis de distorção, e sua frequência de distorção no corpus

Como mostram os gráficos acima, a consoante que mais sofreu distorção em todos os ambientes foi /b/, tendo sido realizada como [p] em 23 ocasiões nas palavras em que aparece o fonema /b/. Somando todas as posições, a distorção de /b/ a /p/ totalizou 34% de todas as ocorrências de distorção encontradas. As fricativas sofreram menos distorção, e uma delas, /v/, não foi pronunciada como surda por nenhum dos informantes no questionário fonético-fonológico (QFF). A posição prototípica para o aparecimento da distorção é a inicial – confirmando constatação de Benincá (2006) – já que 62% de todas as distorções que ocorreram no corpus encontravam-se nessa posição. Os ambientes menos propícios para esse processo de troca são: depois de trava, em especial da trava nasal, e no grupo consonantal, principalmente quando precedido por vogal, posição em que, no corpus, não houve nenhuma variação.

As trocas de modo de articulação foram muito restritas, já que apareceram em apenas uma questão do questionário fonético-fonológico; por isso, esse processo não está discriminado no gráfico anterior como um dos processos de troca do corpus oral. São consideradas trocas de modo verdadeiras o processo do rotacismo, que ocorre quando as laterais passam a vibrantes ou vice-versa, e a distorção de continuidade, caracterizada pelo acréscimo ou pela perda do traço da continuidade, em que a consoante torna-se, respectivamente, oclusiva e fricativa. O rotacismo foi muito pouco recorrente, já que se deu em apenas 13,6% das respostas de uma questão, a questão 6 (fralda); já a distorção de continuidade não ocorreu em nenhuma das questões do questionário. Esses dados mostram que a troca de modo não identifica os descendentes de pomeranos, tampouco representa um problema de aprendizagem do português para eles.

Quanto às variações na estrutura da sílaba, pudemos observar que foram muito recorrentes processos como o destravamento provocado pela vocalização do /l/ ou pelo apagamento do /r/ final, mas esses processos não são particularidades dos monolíngues, portanto, não representam uma dificuldade. Por outro lado, houve muitas alterações na estrutura da sílaba que apontam para dificuldades específicas dos falantes de pomerano. Entre elas, podemos citar as inserções de vogais, com a alteração do número de sílabas da palavra; a redução de grupos consonantais; o apagamento de vogais átonas finais, transformando em trava a oclusiva que ocupava a posição de aclave, entre outras.

Ocorreram também, tanto no QFF quanto no discurso semidirigido, processos envolvendo fonemas vocálicos. Destaca-se a desnasalização dos ditongos, como ocorreu com feijão (questão 29), em que o ditongo final [ãw] se realizou como oral [aw] em 14% das respostas. O mesmo se deu com dragão (questão 4), mas em apenas um informante. É importante ressaltar que em pomerano, o ditongo [aw] existe como oral, e não como nasal, como aparece nas palavras 'kau', 'gaud', 'hauw', o que aponta para uma interferência da língua materna. Avaliamos também como específico dos descendentes a ditongação ocorrida em [es'kwolɐ], em que se forma um ditongo crescente, diferentemente do que ocorre entre os falantes monolíngues de português, que também formam ditongos em algumas palavras, mas que são decrescentes.

Outros processos frequentes de troca ocorreram com o fonema /a/, trocado por [o]; /o/ por [a] e da média fechada /o/ para a aberta [ɔ]. A primeira se deu quando a vogal /a/ encontrava-se em um ditongo decrescente, e se mostrou na escrita, como veremos adiante, muito regular, embora na fala sua extensão tenha sido pequena. No questionário fonético fonológico, essa troca ocorreu apenas na questão 22 (alface), em que um informante pronunciou [ow'fasi], embora houvesse outras questões com essa possibilidade de troca, mas no discurso semidirigido, apareceram também em [li'mõw]. Inversamente à troca anterior, apareceu no corpus oral uma troca de /a/ por /o/, na palavra do discurso semidirigido ['bãwn] (bom).

A terceira troca ocorreu na fala com uma frequência bastante alta. No corpus oral, as questões em que essa troca apareceu foram a 31, em que

36,4% dos informantes utilizaram a vogal aberta [ɔ] para pronunciar homem, o que gerou a forma ['õmẽj], e a 34 (ombro), na qual 21,1% dos informantes respondeu ['õmbro]. No discurso semidirido, essa troca ficou bastante evidente, já que ao responder a idade (onze), cinco dos informantes utilizaram a vogal [ɔ]. É importante notar que essa troca se dá sempre quando a vogal é nasalizada e que não é comum entre monolíngues.

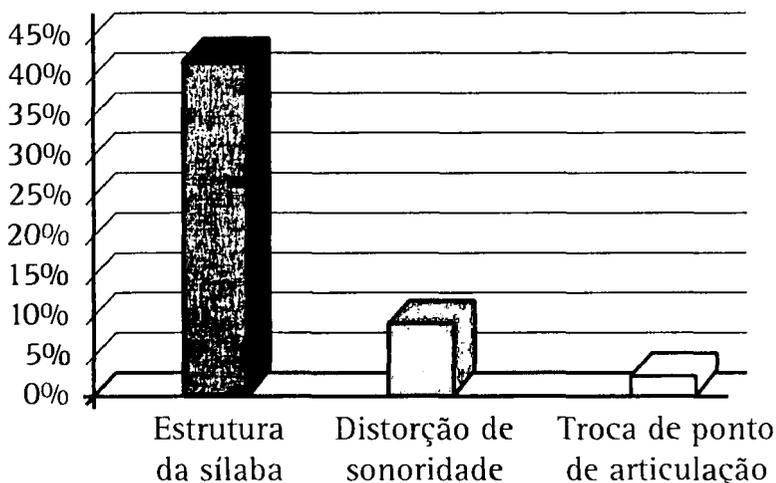


Gráfico 3 - Porcentagens de ocorrências em relação ao esperado para cada tipo de variação do QFF

O gráfico acima mostra a porcentagem de todas as trocas ou variações encontradas na fala. Nele é possível observar que os processos que reúnem a maior quantidade de ocorrências são as relacionadas à estrutura das sílabas, mas vale lembrar que nesse tópico incluem-se processos de variação que são frequentes entre monolíngues. As dificuldades dos alunos realmente se concentram na distorção de sonoridade, pois, embora tenha ocorrido em apenas 9% do total de ambientes em que poderia ocorrer, é um processo que está presente nos descendentes em vários níveis de escolaridade, não apenas no período pré-alfabetização, como ocorre com os monolíngues.

1.2. Corpus escrito

Por meio da análise do corpus escrito, foi possível identificar algumas dificuldades entre os informantes que são comuns entre crianças de grupos monolíngues, principalmente as relacionadas à ortografia, ou à influência da língua oral ou ainda à falta de domínio do código escrito, o que levou a grafia de um fonema com a utilização de um grafema utilizado para representar outro fonema. No gráfico ao lado, é possível perceber quanto cada tipo de erro de escrita ocupa do total de erros encontrado no corpus.

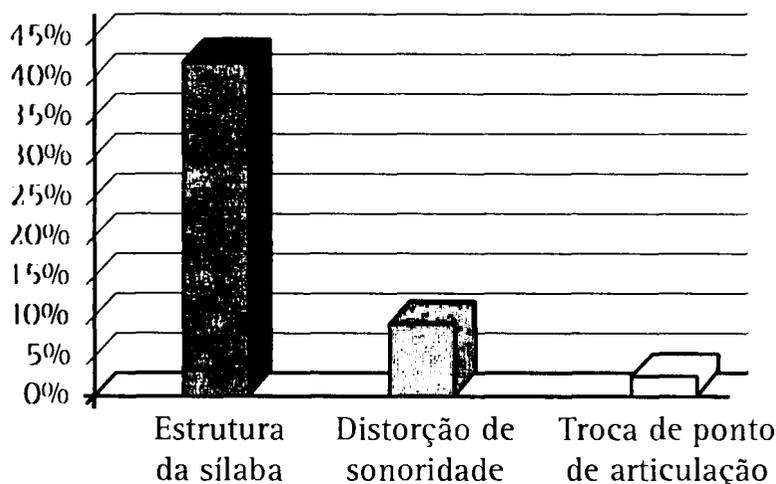


Tabela 4 - Todos os tipos de erros encontrados no corpus escrito

Como se pode observar em tal gráfico, os erros de escrita encontrados no corpus, o mais comum foi a troca de fonemas, representando 30% de todos os erros. Nesse tipo de erro, encontram-se as formas escritas nas quais um grafema foi utilizado para representar um fonema diferente do que se buscava representar naquela palavra, como em moivas (noivas), por exemplo. Muitos desses erros ocorreram pela troca de consoantes surdas e sonoras, responsáveis por 20% das trocas de fonemas. Como a distorção foi um processo relativamente muito frequente na oralidade, podemos dizer que houve uma transferência desse fato para a escrita.

Assim como verificamos no corpus oral, na escrita, a distorção ocorreu da sonora para a surda, e apenas um erro se deu pela troca da surda pela sonora: em *jegam* (*chegam*).

Ao compararmos os dados da oralidade com os da escrita, podemos perceber que a troca de consoantes surdas e sonoras é muito recorrente na fala em alguns ambientes fonéticos, e por isso, também muito frequentes na escrita. Isso mostra que realmente estamos diante de uma dificuldade específica dos descendentes de pomeranos, pois está presente nas duas modalidades da língua, e perpassa vários níveis de escolarização, sendo amplamente recorrente na 5ª série, enquanto entre os monolíngues, salvo casos especiais, esse processo de troca não ultrapassa com regularidade o nível de alfabetização, conforme mostramos anteriormente.

Mesmo que se tratasse de influência da oralidade, incluímos os erros relatados no parágrafo anterior como trocas de fonemas porque os pares de consoantes compostos pela surda e sonora correspondentes em ponto e modo de articulação são fonemas diferentes em português. Há, porém, outras influências da oralidade que não representam trocas de fonemas, como a monotongação ou a ditongação, a vocalização da trava lateral, o apagamento de segmentos. Alguns dos erros de escrita ocasionados por essa influência não são específicos do grupo em questão, como vocalização do /l/ e o apagamento do *tape* na posição de trava, que foram muito frequentes no corpus oral e no escrito, e também ocorrem na fala e na escrita de falantes monolíngues.

Nos textos dos alunos monolíngues, é muito comum o erro ortográfico causado pela múltipla possibilidade de representação. Zorzi (1998) o define, a partir de sua pesquisa, como o mais recorrente, ocupando 47,5% dos erros, enquanto o apoio na oralidade, o segundo mais obtido na pesquisa desse autor, representa apenas 16,8%. Nesta pesquisa, o erro causado pela múltipla possibilidade de representação, que denominamos "Desacordo entre fonema e letra", é o terceiro mais recorrente, com 21%.

Esse dado é importante, pois mostra uma dificuldade específica dos alunos bilíngues, já que é mais comum entre eles a representação de

fonemas diferentes com o grafema escolhido para escrever determinadas palavras do que a simples grafia não-coincidente com a grafia padrão, utilizando uma das possibilidades da língua para grafar tal fonema. Dessa forma, o planejamento das aulas deve levar em conta esse fato, para que haja maior efetividade na busca de meios de trabalhar as dificuldades.

Adem, se para um aluno monolíngue, o foco de interesse do professor deve ser a grafia das palavras coincidente com a ortografia padrão, e não qualquer outra que o sistema linguístico permite, para um aluno bilíngue de português e pomerano, o trabalho deve ser com a diferenciação da representação dos fonemas, além de uma maior reflexão a respeito da transposição da fala para a escrita.

CONCLUSÃO

Considerando o corpus de língua oral, pudemos identificar muitas dificuldades entre as crianças bilíngues para dominar os fonemas do português, dada a influência da língua materna. As variações mais recorrentes entre todos os dados analisados do questionário fonético-fonológico foram as alterações relacionadas à estrutura da sílaba, que se mostraram, em alguns casos, um problema de aprendizagem para os descendentes, já que lideraram as trocas da oralidade e foram muito recorrentes na escrita, embora não tenham representado nesta a maioria das trocas. Embora não tenham sido tão recorrentes quanto os outros processos mencionados, as trocas de sonoras por surdas foram bastante relevantes, já que não costumam ocorrer de maneira tão regular entre falantes monolíngues. Na escrita, lideraram os erros de trocas de fonemas, que representaram 30% do total de erros de escrita, o que confirma o dado encontrado na oralidade.

O planejamento didático-pedagógico deve levar em consideração as dificuldades específicas dos descendentes, apontadas nesta pesquisa, buscando aprimorar, na oralidade, por exemplo, a distinção de surdas e sonoras, o que se refletirá na escrita com a diminuição dos erros por trocas de fonemas. A estruturação das sílabas também deve receber uma

atenção especial, já que também se apresenta como uma dificuldade. O trabalho enfocando-a deve partir de estruturas mais simples, para que se chegue ao tratamento das mais complexas, que geram maiores dificuldades.

O que pode dar suporte ao professor para a compreensão dos problemas encontrados pelos alunos e para encontrar maneiras de solucioná-los são os conhecimentos de fonética e fonologia, já que ambas podem explicar os processos de trocas que ocorrem na fala, e também as que são, por influência da oralidade, transmitidas para a escrita.

Todavia, vale ressaltar que os professores do primeiro ciclo do ensino fundamental, que são quem proporciona o ensino da língua portuguesa como segunda língua aos alunos, muitas vezes ainda monolíngues de pomerano, e também quem apresenta aos alunos o código escrito, não receberam em sua formação conhecimentos aprofundados de fonética e fonologia. Por isso, é tão importante que os órgãos competentes (prefeituras, Estado etc.) ofereçam, com base em pesquisas como esta, que apontam as dificuldades encontradas por aquele grupo específico de alunos, cursos de aperfeiçoamento aos professores que lidam com comunidades bilíngues.

A falta de compreensão por parte dos professores a respeito dos problemas encontrados pelos alunos e suas dificuldades com a língua portuguesa, que para os descendentes é como se fosse uma língua estrangeira, já que muitos dos alunos só a aprendem no contato com a escola, pode ser interpretada como falta de capacidade intelectual ou como desleixo por parte do aluno. Isso pode gerar preconceito advindo dos professores e dos alunos monolíngues, o que leva o aluno bilíngue a se sentir desmotivado e a abandonar a escola, aumentando os índices de evasão escolar e analfabetismo.

A escola precisa promover a igualdade entre os alunos, e deve ampliar suas oportunidades. No caso do grupo dos descendentes de pomeranos, a língua materna dos falantes pode representar um entrave a seu desenvolvimento econômico, já que o português falado por eles está carregado de marcas do pomerano. A escola deve possibilitar ao aluno

bilíngue que ele tenha condições de disputar com os monolíngues que têm a língua portuguesa como materna o mercado de trabalho. Para que isso ocorra, é necessário abandonar a postura do preconceito, o que se realiza com o conhecimento das dificuldades e com o trabalho direcionado.

REFERÊNCIAS

- BENINCÁ, Ludimilla Rupf. A distorção de sonoridade do português entre crianças descendentes de pomeranos. Trabalho apresentado na IV Semana de Pesquisa em Letras. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A geografia linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CLYNE, Michael. Multilingualism. In: COULMAS, Florian (ed.). The handbook of Sociolinguistics. London: Basil Blackwell, 1997.
- COSERIU, Eugenio. La geografia linguística. Montevideo: Universidad de la República, 1956.
- ELIA, Sílvio. Sociolinguística: uma introdução. Rio de Janeiro: Padrão; Niterói: Iduff / Proed, 1987.
- HARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- LYONS, John. Linguagem e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos: análise os fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1996.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. Falares crioulos: línguas em contato. São Paulo: Ática, 1987.

TRESSMANN, Ismael. Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 2005 Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro.